

## ENTREVISTA COM PROF. DR. MICHAEL LÖWY

## ENTREVISTADOR: ENÉAS ARRAES NETO

1. Prof. Michael Löwy, a que o sr. credita, em sua história de vida, o direcionamento para a área de Filosofia ?

Na verdade, não sou filósofo. Estudei Ciências Sociais na USP no fim dos anos 1950, e minha carreira foi em Sociologia; entretanto, a leitura, já nessa época, do livrinho *A Filosofia e as ciências humanas* de Lucien Goldmann, me convenceu de que não era possível separar Sociologia de Filosofia. Ou melhor: uma sociologia empirista, monográfica, "positiva", sem preocupações filosóficas, não me interessava. Era o recado do marxismo, mas também da grande Sociologia alemã, de Simmel, Weber, Mannheim. Mas o que conheço de Filosofia tive que estudar sozinho, como autodidata. Inspirado por Goldmann, li *História e consciência de classe*, de Lukács, que foi, durante muitos anos, minha principal referência filosófica. Minha tese sobre o Jovem Marx, sob a direção de Goldmann, apresentada na Sorbonne em 1964, foi considerada como "Doutorado em História da Filosofia", contudo, quando entrei no CNRS em 1977, foi como sociólogo. Verdade: o que me interessa é um trabalho interdisciplinar, ou melhor ainda, indisciplinado, que mistura alegremente Sociologia, Filosofia, História, Teoria Política e Literatura; uma salada mista, cujo principal condimento é a dialética marxista.

2. O que lhe levou à aproximação com os estudos marxistas ?

Foi, em primeiro lugar, uma opção política! Aos quinze anos, considerava-me marxista, do ponto de vista de uma adesão à causa da emancipação do proletariado. A partir daí comecei a ler Marx, e, praticamente ao mesmo tempo, Rosa Luxemburgo. Minha formação intelectual e política se fundamentou, desde o princípio, nestes dois autores. Teoria e prática sempre estiveram para mim diretamente associados com o marxismo, como visão do mundo, fornecendo os instrumentos, ferramentas e valores para tentar entender o mundo em função do objetivo de sua transformação revolucionária. Graças a Lucien Goldmann, pude, pouco depois, criticar a Sociologia acadêmica e descobrir, na obra de Lukács, uma nova perspectiva marxista. Já nesta época, interessava-me também a história do marxismo na América Latina, que passei a estudar de modo mais

sistemático nos anos 1970, primeiro partindo do pensamento de Che Guevara, mais tarde descobrindo José Carlos Mariategui, e, nos anos 1980, tentando analisar o lugar do marxismo na Teologia da Libertação.

3. Que autores formam a espinha dorsal de uma leitura dialética da realidade em nossos dias ?

Começando com Marx, sempre atual - em alguns aspectos (a globalização capitalista) mais atual hoje do que em sua época - encontramos preciosos elementos para esta análise dialética do mundo contemporâneo na crítica da reificação, de Lukács, na desconstrução da razão instrumental, pela Escola de Frankfurt, e na demistificação da ideologia do progresso, de Walter Benjamin. Além de muitos outros - Gramsci, Trotsky, José Carlos Mariategui, Ernst Bloch - a lista é muito longa. Não encontramos, todavia, em nossos "clássicos" respostas para tudo. Aparecem problemas novos - a Ecologia! - que exigem profunda renovação do pensamento dialético e revolucionário. É uma tarefa para o século XXI.

4. Como o sr. avalia a contribuição ao marxismo em torno da Escola de Frankfurt ? Quais os principais autores entre eles e seus pontos fortes ?

Como já sugeri há pouco, a crítica da razão instrumental, de Adorno e Horkheimer, é uma das mais importantes contribuições dos frankfurtianos. A análise do "homem unidimensional", de Herbert Marcuse é outro elemento interessante. O autor que mais me interessa, neste grupo, é Walter Benjamin: suas Teses de 1940 sobre "O conceito de história", que propõe uma leitura da história a contra-pelo, do ponto de vista das vítimas da "civilização", constituem um dos documentos mais importantes do pensamento revolucionário moderno, talvez o mais importante desde as Teses sobre Feuerbach, de Marx. Para Benjamin, as revoluções não são a "locomotiva da história", mas a interrupção de um processo catastrófico, o "progresso" capitalista. Não posso desenvolver aqui. Envio os interessados ao meu livro "Alarme de Incêndio: Walter Benjamin" (Ed. Boitempo, 2007).

5. Como se poderia situar, atualmente, o debate entre "corrente fria" e "corrente quente" no marxismo ?

Creio que a colocação de Ernst Bloch é correta: mais do que um debate ou antagonismo, existe uma necessária complementaridade entre os dois. O pensamento marxista necessita a crítica lúcida, materialista, impiedosa, "fria", do sistema capitalista e de suas contradições; mas esta crítica esta a serviço da "corrente quente", do principio esperança, da utopia revolucionária de uma nova sociedade. Análises "científicas" que ignoram as alternativas - "um outro mundo é possível" - ou especulações utópicas que não levam em conta a análise do capitalismo, são limitadas, parciais, não dialéticas e, portanto, condenadas ao fracasso.

6. A América Latina apresenta, atualmente, um quadro diferenciado de governos de esquerda, em diversos matizes. Qual sua avaliação para as possibilidades de avanço social e econômico num rumo socializante ?

Acho que é necessário distinguir entre os governos de "centro-esquerda", que não vão mais além de uma forma de *social-liberalismo*, combinando uma política econômica de corte neoliberal com preocupações de assistência social aos pobres - é o caso do Brasil (Lula), do Chile (Bachelet) e do Uruguai (Tabaré Vazquez) - daqueles governos de esquerda que fizeram a opção por uma ruptura com a oligarquia e com a dominação imperialista, colocando no horizonte o socialismo do século XXI: Venezuela (Chavez), Bolívia (Evo Morales), Equador (Correa). A aliança destes países com Cuba, no quadro da ALBA, é uma iniciativa interessante. Outros países têm governos que estão ainda buscando seu caminho, ou situados num campo intermediário entre estas duas grandes orientações.

As possibilidades de avanço em direção ao socialismo do século XXI existem; e são reforçadas pela crise atual do sistema capitalista mundial. Não dependem, no entanto, só da boa vontade de governos de esquerda: é a mobilização social/revolucionária dos oprimidos e explorados, dos trabalhadores, camponeses, mulheres, indígenas, negros, assim como das forças socialistas, que será o fator decisivo.

7. Como o Sr. avalia as perspectivas para o marxismo neste início de século (tanto acadêmica quanto politicamente) ?

Depois da caída do muro e do fim inglório da União Soviética, os ideólogos do sistema e sua mídia se apressaram em proclamar, *urbi et orbi*, a idéia de que "o marxismo esta morto". O atestado de óbito se revelou um pouco prematuro. O

espectro ressuscitou e anda pelo mundo afora, atrapalhando o sossego das elites dominantes.

O livro de Jacques Derrida - que não era marxista - *Espectros de Marx* (1993), afirmando categoricamente a impossibilidade de entender o mundo atual sem Marx, foi o primeiro sinal de uma mudança; pouco depois veio o levante zapatista em Chiapas (1994), o primeiro de uma série de combates contra o neoliberalismo, que acabaram derrubando vários governos na América Latina. Hoje em dia, com a crise econômica mundial, poucos negam a atualidade da análise marxiana do capital. O marxismo, porém, não é apenas, como reconhecem hoje em dias os meios de comunicação, um lúcido diagnóstico sobre o funcionamento do capitalismo e uma explicação de suas crises. É também, e acima de tudo, um projeto de supressão do capital e de transformação revolucionária da sociedade !

Observamos, neste início de século XXI, no Brasil, na América Latina, mas também na Europa e nos Estados Unidos, uma produção intelectual marxista impressionante; mas o marxismo também está presente, sobretudo na América Latina, em vários movimentos sociais e no grande "movimento dos movimentos" altermundialista.

Para mim, o grande desafio do marxismo no século XXI é integrar a dimensão ecológica, não só como um dos vários capítulos de um programa anti-capitalista, mas também como eixo central do projeto revolucionário. Isto exige certa revisão crítica do "marxismo vulgar", em particular, a visão linear do "desenvolvimento das forças produtivas" e uma concepção do socialismo que se limita a transformar as relações de produção. Temos que pensar em termos de uma revolução ecossocialista que subverte radicalmente não só o poder das classes dominantes e as formas de propriedade, mas também o aparelho produtivo, as fontes de energia, os padrões de consumo, o modo de vida, o sistema de transporte, a estrutura urbana. Trata-se, em outras palavras, de uma ruptura com o paradigma da civilização ocidental moderna, capitalista/industrial, e a luta por um outro modelo civilizatório, coletivista, solidário, democrático, capaz de estabelecer relações harmoniosas com a natureza.

Em caso contrário, a lógica cega e irracional da acumulação capitalista, da expansão ilimitada do capital em função do lucro rápido, do consumismo obsessivo e compulsório, levará, em poucas décadas - e não no final do século, como se dizia ainda há poucos anos - a uma catástrofe ecológica de proporções

inimagináveis, colocando em risco, pela dinâmica incontrolável do aquecimento global, a própria vida neste Planeta.